

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS:
um marco na história da PUC Minas**

**INSTITUTE OF HUMAN SCIENCES:
a milestone in the history of PUC Minas**

Audemaro Taranto Goulart¹

Neste ano, o Instituto de Ciências Humanas da PUC Minas comemora seus oitenta anos de existência. É uma data magna que põe em cena uma instituição que foi arquitetada por milhares de vidas e cuja relevância esplende num tempo de lembranças e de evocações grandiosas.

Os acontecimentos que modelam a existência do ICH revelam singular importância, razão por que nada é mais apropriado, no focalizar a sua história, do que refletir sobre a questão do tempo e de seus enigmas no que diz respeito à duração das coisas. Para tanto, é essencial invocar a figura e a sabedoria de Santo Agostinho, um dos pensadores que melhor articulou ensinamentos a respeito do tempo.

Para Agostinho, o que configura nitidamente a noção de tempo é o fato de sua contínua evolução, pois se nada passasse não haveria passado, assim como se nada decorresse não haveria futuro. E o presente, observa Santo Agostinho, se não se perdesse no passado não seria tempo, seria eternidade. Assim, pode-se dizer que o tempo é porque se encaminha para o não-ser. Desse modo, a confluência entre presente, passado e futuro oferece os seguintes resultados: se o presente é um instante sem duração e se nem o passado nem o futuro *são* é impróprio falar em três tempos. A rigor, Agostinho adverte que se deveria falar no presente do passado, que é a memória, no presente do presente, que é a percepção direta e no presente do futuro, que é a expectativa, a espera.

Tais considerações são importantes para traçar a imagem do Instituto de Ciências Humanas, pois é através de sua aproximação com o acontecer do tempo que se podem colher alguns ensinamentos significativos que caracterizam o seu espírito instituidor. E esse espírito pode ser identificado numa única palavra: humanismo. Nas ciências humanas, mais do que em qualquer outro setor, vive-se a proximidade com o mundo clássico onde a dimensão do humano é uma presença permanente.

¹ Licenciatura em Letras Anglo-germânicas pela PUC Minas, Mestre em Literatura Brasileira pela UFMG, Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela USP, Professor Titular nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da PUC Minas, Diretor do ICH de 1993 a 2005.

Nesse aspecto, é oportuno lembrar um ensaio do helenista e professor emérito da UFMG, Jacyntho Lins Brandão, que tem o sugestivo título "Nós e os gregos", onde se destaca a importância da cultura grega na nossa formação. Para caracterizar a influência, basta uma única frase do ensaio: "Dessa forma é que afirmo que nossa relação com os gregos é significativa não só porque eles são o nosso passado, mas sobretudo porque nós somos o futuro deles".

A dimensão do espírito grego pode também ser aferida para além dos estudos protocolares que focalizam o mundo clássico. É o caso, então, de citar duas manifestações. A primeira é uma simples frase que o filósofo, crítico e historiador literário húngaro, Georg Lukács, cunhou sobre os gregos. Em seu livro *Teoria do romance*, diz ele que "os gregos não faziam perguntas porque eles só tinham respostas".

Em outro exemplo, tem-se um singular episódio envolvendo o antropólogo e professor Darcy Ribeiro, um intelectual que viveu para a educação e que culminou sua trajetória, fundando e dando vida à Universidade de Brasília. No seu livro *Sobre o óbvio*, ele diz que, numa conferência, abordava a vida de índios brasileiros quando, de repente, entram no auditório um amigo seu juntamente com o notável educador brasileiro Anísio Teixeira.

Darcy Ribeiro revela que ficara muito incomodado quando falava sobre os índios, uma vez que, constantemente, Anísio Teixeira sussurrava algo ao ouvido do amigo. Para Darcy, aquilo soava como uma discordância às suas colocações. Daí que, ao final da conferência, procurou o amigo que o apresentou a Anísio Teixeira, oportunidade que teve para perguntar se os comentários do educador representavam uma crítica ao que ele dizia. A resposta de Anísio Teixeira é de uma singeleza que dispensa comentários: ao ouvir as referências ao modo de vida, posturas, crenças e procedimentos de socialização dos indígenas, simplesmente dizia ao ouvido do amigo: "são uns gregos, são uns gregos".

As duas passagens são interessantes para mostrar o que é a dimensão do espírito grego, voltado para a originalidade das descobertas, assim como para a aquisição do saber, indispensável móvel para operar o crescimento do ser humano e para o refinamento de sua visão crítica.

Invoca-se, então, o presente do passado como memória viva para mostrar a dimensão humanista que preside a existência e o espírito do Instituto de Ciências Humanas da PUC Minas, assim como o presente do futuro que sempre se anuncia como espera e esperança de um permanente resgate que tem atuado no aperfeiçoamento desse espírito, importante vetor para a formação dos estudantes que passam pelo ICH.

O presente do presente, o presente do passado e o presente do futuro: uma história tecida ao longo de oitenta anos

Abra-se, então, a porta da história para que esse mundo se anuncie. E tudo começou, no início da década de 1940, quando o descortino das irmãs dominicanas do Colégio Santa Maria levou-as à conclusão de que a educação escolar, ancorada no ensino religioso, já se fazia presente no ensino básico, representado por vários colégios em Belo Horizonte, mas a não presença no ensino superior era uma lacuna que, de alguma forma, precisava ser preenchida. Este é o momento em que as freiras decidem a criação de uma faculdade católica que precisava fazer-se presente em Belo Horizonte. Assim, quase um ano depois, a Mère Marie Antoine Feuillâtre, diretora do Colégio Santa Maria, encaminha pedido de funcionamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria, tendo como mantenedora a Sociedade do Santo Rosário.

Para colaborar na criação da faculdade e também para compor o futuro corpo docente, convocaram-se nomes que constituíam a fina-flor da intelectualidade mineira, tais como: Aires da Mata Machado Filho, Afonso dos Santos, Arduíno Bolivar, Francisco Floriano de Paula, Gil Morais Lemos, Henriqueta Lisboa, José Quintela Vaz de Melo, Lúcio dos Santos, Oscar Mendes Guimarães, Tabajara Pedroso e Waldemar Tavares Pais.

Entretanto, foi preciso esperar outro ano para que, em 14 de outubro de 1942, fosse aprovado o Parecer que autorizava o funcionamento da FFCL Santa Maria, com os cursos de Filosofia, Geografia e História, Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Pedagogia. Três meses depois, o Presidente da República, Getúlio Vargas, assina Decreto autorizando o início das atividades da Faculdade. Como se vê, o tempo decorre dentro daquela perspectiva com que Santo Agostinho o identificava: o momento de duração em fuga, a evocação da memória e a expectativa do futuro.

Finalmente, em 15 de março de 1943, dá-se a aula inaugural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria, ministrada pelo Rev.^{mo} Frei Sebastião Tauzin, catedrático da Faculdade Católica do Rio de Janeiro, nas dependências do Colégio Santa Maria.

Providências burocráticas como reconhecimento dos cursos, aprovação de estatutos e complementação de documentação foram contempladas pelos órgãos governamentais. Registro importante é o que diz respeito à nomeação pelo CTA, da primeira diretora da Faculdade, a irmã Jeanne de La Croix, em julho de 1947. Não menos importante foi o efeito

que a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria gerou, uma vez que, em 1948, em solenidade pelo 30º aniversário de sua Sagração Episcopal, o Arcebispo Metropolitano Dom Antônio dos Santos Cabral lança a ideia de criação da Universidade Católica de Minas Gerais.

É nesse ano também que se aprova o estatuto da Sociedade Mineira de Cultura, sociedade civil que se ocupava em instituir, manter e dirigir as faculdades que viriam a integrar a Universidade Católica de Minas Gerais. Desse modo, já no início de 1949, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria é incorporada à entidade mantenedora. É nessa época que o padre Orlando Machado é nomeado diretor da Faculdade, entretanto, por um singular protocolo administrativo, não pôde assumir o posto devido ao fato de não ser catedrático, sendo então substituído pelo professor José Altimiras, conhecido docente do Colégio Estadual.

Em 1949, a FFCL Santa Maria passou a funcionar em nova sede, na Praça da Liberdade, em prédio conhecido como Palacete Dantas. Não é a mudança pura e simples que merece uma citação. O fato é que o Palacete Dantas se incorporou de forma singular aos destinos da Faculdade, em primeiro lugar, devido ao harmonioso estilo clássico que combinava muito com o ambiente intelectual que ali se cultuava, e também porque suas dependências eram de tal forma acolhedoras que promoviam um permanente contato extra-classe entre professores e alunos dos vários cursos. Esse presente do passado, essa memória viva, evidentemente, é propiciada pelo número reduzido de estudantes da época, quando comparado ao que se vê hoje. É preciso registrar a importância dessa convivência que se fazia uma espécie de reunião diária de uma grande família, algo como um encontro marcado para o desfrute do calor humano, como o atestam vários ex-alunos da época.

Em 1950, o bispo diocesano de Uberaba, Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, foi nomeado reitor das Faculdades Católicas. Neste ano, o Padre Agnaldo Leal foi nomeado e empossado como o primeiro diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria, tendo o prof. José Altimiras como vice-diretor.

No final do ano, dá-se a Formatura da primeira turma de licenciadas e bachareladas da Faculdade, episódio marcante que é ilustrado com a relação de formandas. As bachareladas são Dália Fernandes Aguiar, Irmã Maria Carolina Ribas, Terezinha Alvarenga (Oradora da turma). Licenciadas: Elvira Vieira Romão (Irmã Maria do Espírito Santo), Elizabeth Françoise (Irmã Ana Maria Caminada), Maria Mazzarello Sete Cotta, Mercedes Ribeiro Morato, Wanda de Lima Tavares. É de se notar que não havia formandos nesse ano,

de vez que, somente em 1948, abriram-se as portas da FFCL Santa Maria aos estudantes do sexo masculino.

Em 1954, foi nomeado o segundo diretor da Faculdade, o Padre Orlando de Oliveira Vilela, o mais longo dos dirigentes da instituição, que permaneceu no cargo por dezesseis anos.

Em 1958, tem-se a criação da Universidade Católica de Minas Gerais (UCMG), com a incorporação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria, Faculdade Mineira de Direito, Escola de Enfermagem Hugo Werneck, Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais e Escola de Serviço Social. Também se junta como agregada a Escola de Educação Física de Minas Gerais. Neste mesmo ano, com Decreto Oficial da União, assinado pelo então Presidente da República Juscelino Kubitschek, ocorre o reconhecimento oficial da Universidade Católica de Minas Gerais.

Em 1960, tem-se a nomeação de Dom Serafim Fernandes de Araújo como o primeiro reitor da UCMG. E isso é um fato significativo porque o longo reitorado de Dom Serafim Fernandes de Araújo deu notável impulso à expansão da Universidade.

No ano de 1963, tendo em vista a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria reformulou o currículo de seus cursos que passaram a ter quatro anos de duração. Os cursos, neste instante, eram Filosofia, Pedagogia, Letras, Geografia, História. Em 1966, ocorre a criação do Instituto Central de Filosofia e Teologia, resultado da fusão dos cursos de Filosofia e Teologia, o que acaba transferindo o curso de Filosofia para o recém-criado Instituto. Nesse ano, devido à baixa demanda de alunos, a Faculdade resolveu extinguir os cursos de Matemática e Ciências Sociais.

Interiorização: a voz das ciências humanas ecoa ainda mais longe

A interiorização dos cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria é consequência de uma intrínseca vocação primeira que a acompanhou: privilegiar o humano e suas manifestações, o que sempre esteve bastante centrado na vida e nos desígnios da Faculdade, caracterizados no seu propósito voltado para a formação de educadores.

Também aqui se poderiam invocar as disposições agostinianas com relação ao tempo, lembrando a oportuna colocação de Jacyntho Brandão de que os gregos são o nosso passado e

nós somos o futuro deles, o que estaria perfeitamente caracterizado nas formulações já enunciadas do presente do passado e do presente do futuro.

Lembre-se, então, que, entre os gregos, a educação sempre mereceu um lugar privilegiado e isso, certamente, é uma projeção dos anseios deles que nós herdamos. No mundo grego, a origem do ensino, da educação e da escola se encontra no século IV a.C., quando os grandes filósofos fundaram suas escolas. Ali vamos encontrar, como exemplos paradigmáticos, a Academia, de Platão, a escola de Retórica, de Isócrates e o Liceu, de Aristóteles. Os ensinamentos provenientes das escolas podiam acontecer em modos e lugares diferentes, mas o resultado almejado visava sempre o bem-estar comunitário, objetivo essencial naquele berço da civilização.

Assim, Sócrates não se preocupou em criar um *locus* onde se davam seus ensinamentos. Eles podiam acontecer em qualquer lugar onde um discípulo se dispusesse a ouvi-lo. Desse modo, passeando pelos jardins, ou participando de um banquete, o filósofo entretinha uma conversa com seu ouvinte a fim de que, levando-o a encontrar respostas a suas perguntas, ocorresse a sua famosa maiêutica, uma espécie de parto que fazia brilhar as ideias, através das quais o discípulo chegava à verdade.

Platão, no entanto, considerava que a busca da verdade precisava de um ambiente propício para ter lugar, sem qualquer interrupção, daí a criação da escola como o ambiente por excelência para que os ensinamentos produzissem os efeitos que o mestre julgasse indispensáveis para a grandiosidade da *pólis* e de seus habitantes. Assim, nasceu a Academia, lugar em que se formavam os jovens que poderiam vir a ser sábios líderes políticos e que, ao longo do tempo, desfrutariam da condição de se colocarem como salvadores de Atenas. Com tal convicção, o filósofo alimentava a esperança de que um dia os filósofos seriam reis ou, pelo menos, os reis e os príncipes poderiam estar imbuídos do espírito e do poder da filosofia.

Já Isócrates tinha uma visão mais pragmática da educação, uma vez que, ao seu juízo, as matérias mais puramente intelectuais não interessavam, pois o mais importante era preparar os jovens para a vida e isso é que poderia formar homens que fossem aptos a desempenhar os mais relevantes papéis na vida da cidade.

Mas é o Liceu de Aristóteles que configura com mais propriedade o modelo caracterizado de uma escola. Diferentemente de Platão e Isócrates, Aristóteles considerava que o mais importante seria educar e preparar a mente. E isso seria obtido com uma inteligência aprofundada, um conhecimento detalhado das coisas. Daí a necessidade de uma formação enciclopédica que ia da filosofia às artes, passando pelas ciências. Um dado que o distingue

de Platão está no fato de que Aristóteles cultivava uma grande biblioteca em seu Liceu, diferentemente de Platão que não gostava de livros nem de mapas sobre as paredes.

Além do mais, Aristóteles foi um cientista singular que queria conhecer o mundo natural com os olhos da mente. A destacada helenista Edith Hamilton cita outro helenista, o Prof. Werner Jaeger, que "afirma ter sido esta a proeza singular de Aristóteles. Somente ele uniu o mundo do pensamento científico ao mundo do pensamento metafísico".

Os aspectos e considerações enunciados revelam, por maneiras distintas, uma preocupação fundamental que a cultura do mundo grego pôs em destaque: a preocupação com o ser humano, tanto na sua formação quanto no cultivo de qualidades que oferecessem ao indivíduo a oportunidade de representar um papel de importância social. E isto tem como objetivo o voltar-se para o outro, para o seu semelhante, visando o aperfeiçoamento do ser humano.

O simples fato de ser o lugar da formação dos indivíduos, da aquisição do conhecimento e do delineamento de caracteres, já projeta a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria, assim como o seu sucessor, que é o Instituto de Ciências Humanas, como instâncias que se estabelecem à maneira do mundo escolar da Grécia clássica. A aproximação ganha ainda mais substância quando se observa a proximidade com aquele espírito humanista que identifica a realidade da educação grega. Realmente, a preocupação com o ser humano é, sem dúvida, uma herança que os gregos nos outorgaram, sobretudo quando se vê que a formação de um educando vai além da simples transmissão do conhecimento, pois situa-se num nível de relevância que tem como objetivo fundamental propiciar a construção do bem-estar social que move as pessoas no processo solidário de um grande encontro. Tais demandas que a escola se propõe tem como meta chegar à verdade, assim como construir uma educação imbuída de um espírito filosófico-humanista, que também procura olhar o mundo natural com os olhos da mente.

Em 1968, o espírito humanista corrente no mundo grego vai manifestar-se objetivamente, em exemplos bastante significativos na UCMG. É a época em que se criam os chamados cursos polivalentes que visavam à formação de professores para o ensino de 1.^o grau, nas áreas de Ciências, Estudos Sociais e Letras, suprimindo uma carência notória em vários municípios do interior de Minas Gerais.

Esse programa de cursos polivalentes resultou de convênios feitos entre a Sociedade Mineira de Cultura, a Universidade Católica e instituições de cidades-sede onde os cursos foram implantados. Assim, no biênio 1968/1969 as cidades de Coronel Fabriciano, Curvelo,

Itabira, João Monlevade, Mariana, Pará de Minas, Pedro Leopoldo, Ponte Nova e Luz (em 1975), passaram a contar com cursos superiores de licenciatura. Quase todas essas cidades puderam, ao fim do convênio, dar continuidade com autonomia à oferta dos seus cursos. Coronel Fabriciano terá sido a cidade que auferiu os mais significativos resultados, uma vez que o coordenador dos seus cursos, o Padre José Maria De Man, empenhou-se de tal modo para a instalação e o desenvolvimento dos cursos na cidade que o projeto se tornou um marco e uma referência. No processo de autonomia, a instituição dirigida pelo Pe. De Man foi enriquecida com a transferência de todo o acervo da UCMG, de modo que o *Campus 2* da Católica tornou-se o *Campus* do Vale do Aço, pertencente à nova instituição. O arrojo e a determinação do Pe. De Man foram decisivos para a criação de uma unidade universitária que contou com um espaço grandioso, onde se distribuíam inúmeros prédios modernos, ostentando conjuntos arquitetônicos que eram admirados pela qualidade das instalações.

Os resultados dos cursos Polivalentes foram tão reconhecidos que, até hoje, sua importância é ratificada nas comunidades que os acolheram e muito disso deve-se ao espírito humanista corrente na UCMG, a PUC Minas de hoje, e no Instituto de Ciências Humanas. É preciso ainda registrar o trabalho que dois coordenadores centrais em Belo Horizonte desenvolveram com especial empenho, na articulação com os coordenadores locais das extensões do interior. Trata-se do Prof. Luiz Aurélio Rodrigues de Andrade e do Pe. Antônio Sérgio Palombo de Magalhães.

Em 1970, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria passa a denominar-se Faculdade de Ciências Humanas, continuando com os cursos de Pedagogia, Letras, História e Geografia e os cursos de Licenciaturas Polivalentes em cidades do interior.

Em 1971, o Pe. Orlando de Oliveira Vilela exonerou-se do cargo de diretor, sendo substituído pelo seu vice, Prof. Francisco Floriano de Paula, até que a Congregação da Faculdade elege-se o Prof. Wilson Chaves para o cargo de diretor.

Em 1972, o Conselho de Ensino e Pesquisa, sem extinguir as Faculdades, estabelece a departamentalização das unidades da UCMG, com o funcionamento dos cursos de Pedagogia, Letras, História, Geografia, Ciências (Licenciatura de 1.º grau), Estudos Sociais (Licenciatura de 1.º grau), Matemática e os cursos de Licenciatura Polivalentes. Nesse ano, a Faculdade de Ciências Humanas organizou-se em três departamentos:

Departamento de Educação

Departamento de Letras

Departamento de Estudos Sociais

O Curso de Estudos Sociais habilitava em Licenciatura de 1.º grau em Estudos Sociais; Licenciatura em 2.º grau em História, Geografia, Organização Social e Política do Brasil e Moral e Cívica.

Em 1976, a UCMG e a Faculdade de Ciências Humanas, cumprindo seu papel humanista transformador, celebram convênio com a CODEVALE e a Secretaria de Estado da Educação para a criação dos Cursos de Licenciatura de Curta Duração (1.º grau) na cidade de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, beneficiando uma das regiões mais carentes do Estado de Minas Gerais.

Em 1978, estabelece-se uma nova configuração nos cursos da Universidade com a criação dos Centros. A Faculdade de Ciências Humanas é substituída pelo Centro de Ciências Humanas que passa a ter o seguinte arranjo:

Centro de Ciências Humanas

Departamento de Letras

Departamento de História e Geografia

Departamento de Educação

Departamento de Direito

Departamento de Filosofia e Teologia

1.º Ciclo

Em 1980, o Pe. Lázaro de Assis Pinto substitui o Prof. Wilson Chaves como diretor do Centro de Ciências Humanas. Com o fim dos Cursos Polivalentes, teve início o projeto dos Cursos Emergenciais de Licenciatura, resultante do convênio entre a Universidade Católica e a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, sob a coordenação do Prof. Celso Martins de Almeida Fagioli. O objetivo dos Cursos Emergenciais era a habilitação de professores das redes públicas do interior de Minas, na Licenciatura curta de Ciências, Estudos Sociais e de Letras, e na Licenciatura plena em Geografia, História, Letras e Matemática.

Em 1983, houve a Concessão do título de Pontifícia à Universidade Católica de Minas Gerais, após exame e aprovação da Sagrada Congregação para a Educação Católica da Santa Sé.

Nessa época, ratificou-se a nomeação do Prof. Gamaliel Herval como segundo reitor da Universidade. A solenidade de entrega do título de Pontifícia à Universidade ocorreu no dia 2/7/1983, contando com a presença do Núncio Apostólico da Santa Sé no Brasil, Dom Carlo Furno.

Em 1984, o Pe. Geraldo Dirceu Antunes Tolentino é nomeado diretor do Instituto de Ciências Humanas. Também neste ano, Parecer do Conselho Federal de Educação e Portaria do MEC aprovam a alteração da denominação da Universidade Católica de Minas Gerais, para Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Em 1985, o Pe. Lázaro de Assis Pinto é nomeado como o terceiro reitor da PUC Minas. Neste ano, as Extensões do Interior, com a experiência amalhada enquanto estiveram ligadas à PUC, ganharam sua autonomia, desvinculando-se da Universidade.

Em 1987, o Prof. Pe. Geraldo Magela Teixeira é nomeado como o quarto reitor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. É aprovada a criação do Curso de Pedagogia na cidade de Timóteo, no *campus* II da Universidade, situado no Vale do Aço.

Em 1988, a Portaria n.º 75/88 cria o Instituto de Ciências Humanas, data em que o Prof. Pe. Antônio Sérgio Palombo de Magalhães assume a diretoria do Instituto.

A data também registra a auspiciosa criação do primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* da PUC Minas. Abrigado no Instituto de Ciências Humanas, surge o Mestrado em Letras, na área de Literaturas de Língua Portuguesa. A importância do evento chama a atenção pelo fato de que ali a PUC Minas adquiria a sua maioria acadêmica. Isto pode ser aquilatado através do relato de dirigentes da Instituição quando da participação de reuniões em entidades que congregam instituições de cursos superiores, como CRUB, Conselho de Reitores de Universidades Brasileiras, e ABESC, Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas. Em conversas informais, sempre se perguntava se a PUC tinha cursos de pós-graduação, o que é uma indicação clara de que a existência da pós-graduação *stricto sensu* é uma chancela que identifica uma universidade.

Há que se prestar aqui uma homenagem à Prof.^a Ângela Vaz Leão, antiga docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria e também da Faculdade de Letras da UFMG, pelo trabalho excepcional com que criou a pós-graduação da PUC Minas. Isto porque foi da competência, cultura e conhecimentos dela que surgiu, inclusive, o primeiro curso de pós-graduação da PUC Minas, na área da pós-graduação *lato sensu*, com a criação do PREPES, Programa Regional de Especialização para Professores do Ensino Superior, nos idos de 1994. O PREPES foi um projeto tão vitorioso que, durante anos, recebeu alunos das mais diferentes regiões do país, tendo, inclusive, contado com um grande apoio da CAPES, no oferecimento de considerável número de bolsas de estudo.

Durante anos, a Prof.^a Ângela coordenou também o Programa *stricto sensu* da Pós-graduação em Letras e sua digital está definitivamente impressa no sucesso dessa sua criação.

Em 1991, o Prof. José Tarcísio Amorim assume a diretoria do Instituto de Ciências Humanas.

Em 1993, o Prof. Audemaro Taranto Goulart torna-se diretor do Instituto de Ciências Humanas.

Em 1995, sob a coordenação da Prof.^a Lélia Maria Parreira Duarte, foi criado o Centro de Estudos Luso-Afro-Brasileiro - CESPUC, vinculado acadêmica e administrativamente ao Instituto de Ciências Humanas. Trata-se de espaço multidisciplinar cuja finalidade é propor e executar políticas de divulgação e de estudos da Língua Portuguesa, das literaturas brasileira, portuguesa e africana. O CESPUC conta com o apoio do Instituto Camões e de outras instâncias do governo português, o que revela a confiança nele depositada.

Em 1996, a caminhada no nível da pós-graduação *stricto sensu*, no Instituto de Ciências Humanas, passa a contar com novo integrante. Trata-se do Mestrado em Tratamento da Informação Espacial, cuja proposta e implantação se deveu à competência e determinação de outro insigne mestre da PUC Minas e da UFMG, o Prof. João Francisco de Abreu.

Em 1998, o projeto de implantação dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* ganha mais corpo com a aprovação do Programa de Pós-Graduação em Educação, no nível de Mestrado.

Em 1999, faz-se a reestruturação transformadora do Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial - Geografia, com a implantação do seu Programa de Doutorado.

Em 2000, é criado o Centro de Pesquisa Histórica, setor também ligado ao Instituto de Ciências Humanas que tem grande relevância para os trabalhos de pesquisa e que contou com a direção de destacados docentes. Atualmente, o Centro de Pesquisa Histórica é dirigido pelo Prof. Caio César Boschi.

Em 2003, o Prof. Eustáquio Afonso de Araújo é nomeado como o quinto reitor da PUC Minas, na condição de Reitor em Exercício, a partir de 07/07/2003, e Reitor, a partir de 22/11/2003.

Em 28/01/2004, Dom Walmor Oliveira de Azevedo é nomeado Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte. Dom Walmor é o quarto Arcebispo da Arquidiocese, cargo que lhe confere o título de Grão-Chanceler da PUC Minas.

Em 2005, a partir do dia 5 de dezembro, o Prof. Pe. Márcio Antônio de Paiva é nomeado Diretor do Instituto de Ciências Humanas.

Em 25/4/2007, o Bispo Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães é nomeado como o sexto Reitor da PUC Minas.

Retomando a importância da implementação dos Programas de Pós-Graduação no ICH, destaque-se que a sua pujança e qualidade manifestam-se de diversas formas, pois, além da sua já reconhecida presença nos cursos do Instituto de Ciências Humanas, considerem-se as extensões interinstitucionais, como as que foram implantadas em parcerias realizadas com diversas instituições.

Assim, em 2010, é criado, no Programa de Pós-Graduação em Educação, o Mestrado Interinstitucional.

Em 2011, aprova-se o projeto de Doutorado Interinstitucional em Geografia, numa parceria do Programa da PUC Minas com a Universidade de Montes Claros (UNIMONTES).

Em 2012, a Prof.^a Carla Ferretti Santiago assume a diretoria do Instituto de Ciências Humanas.

Em 2015, o PPG em Geografia participa de outra parceria para a instalação do Doutorado Interinstitucional, desta vez com o Centro Universitário de Caratinga.

Em 2020, é oferecido o Doutorado Interinstitucional (DINTER) em Letras, no Centro Universitário CESMAC, em Maceió, promovido pelo Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, na área de concentração Linguística e Língua Portuguesa.

Todas essas citações e referências constituem um painel indicativo da seriedade e da competência com que o Instituto de Ciências Humanas implementou, através de três de seus cursos, os Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* que conferiram, como se disse, a maioria acadêmica à Universidade. E ao longo dos trinta e cinco anos da existência de tais Programas, a nota dominante que os identifica dá a ver, através do crescimento e do aperfeiçoamento de sua prática, resultados positivos que vieram acumulando-se. É o que revelam, para orgulho de toda a comunidade acadêmica do Instituto de Ciências Humanas, as avaliações que vieram sendo feitas, ao longo do tempo, pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Fundação do Ministério da Educação que trata da expansão, consolidação e avaliação da pós-graduação em todo o País.

São altamente auspiciosos os resultados que as últimas avaliações da CAPES revelaram, atribuindo as seguintes notas aos três Programas abrigados no Instituto de Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em Letras, nota 6; Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial - Geografia, nota 5 e Programa de Pós-Graduação em Educação - nota 4. Considere-se que a escala das notas avaliativas se gradua entre zero e sete,

e qualquer programa é considerado com avaliação positiva quando se coloca no limiar entre quatro e sete.

Em 2023, o Prof. Doutor Pe. Luís Henrique Eloy e Silva torna-se o sétimo reitor da PUC Minas.

Em 2023, o Prof. Alexandre Magno Alves Diniz assume a diretoria do Instituto de Ciências Humanas.

Por fim, faz-se necessário prestar homenagem aos inúmeros docentes que ajudaram na construção da significativa história do Instituto de Ciências Humanas. Vamos fazê-lo na apresentação de uma galeria de dirigentes - reitores, diretores e coordenadores - que representarão o grandioso quadro de professores e professoras que, ao longo desses oitenta anos, escreveram uma belíssima história de amor, dedicação e vigoroso empenho para a formação de milhares de estudantes que viram, nas ciências humanas, um caminho para sua formação profissional e para seu aperfeiçoamento como ser humano.

Galeria de dirigentes

Reitores das Faculdades Católicas

Dom Alexandre Gonçalves do Amaral

Pe. José Lourenço da Costa Aguiar

Reitores da UCMG/PUC Minas

Dom Serafim Fernandes de Araújo

Prof. Gamaliel Herval

Pe. Lázaro de Assis Pinto

Pe. Geraldo Magela Teixeira

Prof. Eustáquio Afonso de Araújo

Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Prof. Dr. Pe. Luís Henrique Eloy e Silva

Diretores/Coordenadores

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria

Faculdade de Ciências Humanas

Centro de Ciências Humanas

Instituto de Ciências Humanas

Pe. Agnaldo Leal
Pe. Alberto Antoniazzi
Prof. Alecir Antônio Maciel Moreira
Prof. Alexandre Magno Alves Diniz
Prof.^a Alice Olinda Teatini Tavares
Prof.^a Ana Márcia Moreira Alvim
Prof.^a Ana Maria Casasanta Peixoto
Prof.^a Ângela Tonelli Vaz Leão
Pe. Antônio Francisco da Silva
Pe. Antônio Sérgio Palombo de Magalhães
Prof.^a Arabie Bezri Hermont
Prof. Audemaro Taranto Goulart
Prof. Caio César Boschi
Prof.^a Carla Ferretti Santiago
Prof. Edison Gomes
Prof.^a Elizabeth Parreiras Batista Pereira
Prof.^a Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros
Prof. Francisco Floriano de Paula
Pe. Geraldo Dirceu Antunes Tolentino
Prof.^a Gislaine Maria de Carvalho
Prof.^a Heloísa Guaracy Machado
Prof. Herbe Xavier
Prof. Hugo Mari
Prof.^a Ione Mendes Malta
Prof.^a Ivete Lara Camargos Walty
Prof.^a Jacyra Antunes Parreiras
Prof.^a Jane Quintiliano Guimarães
Irmã Jeanne de la Croix
Prof. João Francisco de Abreu
Prof.^a Jony Rodarte Gontijo Couto
Prof. José Altimiras
Prof. José Gabriel dos Reis Vale
Prof. José Tarcísio de Amorim
Prof.^a Júlia Calvo
Prof.^a Juliana Alves Assis

Prof.^a Juliana Caputo
Pe. Lázaro de Assis Pinto
Prof.^a Lélia Maria Parreira Duarte
Prof.^a Lucília de Almeida Neves Delgado
Prof.^a Magda Maria Diniz Tezzi
Prof. Marcelo Eduardo Zanetti
Prof.^a Márcia Marques de Moraes
Pe. Márcio Antônio de Paiva
Prof.^a Maria Aparecida Murta dos Santos
Prof.^a Maria do Socorro de Araújo Medeiros
Prof.^a Maria Emília Neves Durães
Prof.^a Maria Mascarenhas de Andrade
Prof.^a Maria Salete Chaves
Pe. Orlando de Oliveira Vilela
Prof. Oscar Vieira da Silva
Prof. Otávio Dias de Souza
Prof. Paulo Fernando Fraga Carvalho
Prof.^a Raquel Beatriz Junqueira
Prof. Reinaldo Martiniano Marques
Prof.^a Rita Amélia Teixeira Vilela
Prof.^a Sandra Maria Silva Cavalcante
Prof. Sérgio de Freitas Oliveira
Prof.^a Sheilla Alessandra Brasileiro de Menezes
Prof.^a Sílvia Maria Contaldo de Lara
Prof. Simão Pedro Pinto Marinho
Prof.^a Suely Maria de Paula e Silva Lobo
Prof.^a Vera Lúcia Felício Pereira
Prof.^a Terezinha Taborda Moreira
Prof.^a Virgínia Pinheiro Ribeiro
Prof. Wilson Chaves
Prof. Wilson Vicente de Abreu